

## **NEOLIBERALISMO, CULTURA POPULAR E ENSINO DA HISTÓRIA ou O SAMBA É MEU DOM**

RAUL MILLIET FILHO

### **1. Objetivos Gerais**

1.1. Nos últimos 30 anos, vários fatores têm agravado o quadro precário do Ensino da História no país, em todos os níveis, do fundamental à pós-graduação, consequência do desmonte das políticas públicas de educação, da ideologia neoliberal do Estado mínimo, fruto de planos macro-econômicos levados a efeito desde a década de 1980, com interregnos pouco significativos que não chegaram a arranhar a hegemonia da redução das políticas econômicas a intervenções monetárias. Economia, outrora Filosofia, reduzida à uma “ciência exata”, matematicamente resolutiva, com receituário monocórdio: juros elevados, inflação de demanda e o culto ao Deus Mercado. Políticas públicas sociais como saúde, educação, habitação não são mais compatíveis com os desenhos estratégicos dos formuladores do futuro da nação.

Tudo girando em torno da moeda e seu templo, o Banco Central, na prática instituição privada independente da vontade pública. Não Re(pública). Joaquim Murinho em seus devaneios não previu desdobramentos de tal magnitude.

Tecer algumas hipóteses sobre a crise da Educação, do Ensino Público, mais especificamente do Ensino da História são os objetos dessa comunicação que certamente não podem ficar reduzidos à considerações sobre o ideário “econômico” (em seu sentido estrito) sem abrir o leque para suas ramificações no fulcro do imaginário e nos poros do novo perfil do Estado-Nação, sofisticado na aparência, mas empobrecedor e simplista quando despido de seu fetiche, por meio de análises criteriosas e rigorosas, balizadas por opções teórico-políticas que apontem para outras utopias, futuros dissonantes do reducionismo incensado pelo Consenso de Washington.

### **1.2. Contra visões economicistas**

Não pretendemos nos estender abrindo ilimitadamente o debate em torno de conceitos como base, superestrutura e modo de produção. Deixamos evidente a relação entre a crise do ensino e políticas econômicas neoliberais no Brasil. Ocorre que, percorrendo as trilhas de E. P. Thompson, (assim como Gramsci, Benjamin e outros) gostaríamos de afastar de pronto a surrada visão histórico-metodológica do edifício ou dos jogos e reflexos de espelhos, na qual o social é o “econômico” concentrado.

Ao contrário, exatamente por assumirmos uma posição política clara, um ponto de partida alicerçado nas idéias de Marx, é que não prosseguiríamos sem alertar para os equívocos reducionistas que vêm malbaratando a espinha dorsal do pensamento marxiano, aproximando-nos com o autor de “Costumes em Comum” e de “A Formação da Classe Operária Inglesa”, com quem concordamos de que não há dificuldade em demonstrar o quanto as versões economicistas nos afastam da práxis do autor de “O Capital”.

Em “As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos”, Thompson rebrilha ao desenvolver de maneira criativa e sofisticada, considerações críticas sobre os “positivistas dialéticos”. Seja através de parágrafos de sua própria lavra, ou de citações (Grundrisse) como a que reproduzimos abaixo, o historiador inglês vai direto ao ponto:

“em todas as formas de sociedade, é uma determinada produção e suas relações que atribuem posição e influência a qualquer outra produção e suas relações. É uma iluminação geral, em que são imersas todas as cores e que modifica as suas tonalidades particulares. É um éter especial a definir a gravidade específica de tudo o que dele se destaca”(1)

Solando, qual Canhoto da Paraíba, Thompson afirma:

“No lugar da noção de primazia do “econômico” (mais “real”) – com que as normas e as culturas são vistas como reflexos secundários –, o que essa passagem enfatiza é a simultaneidade das manifestações de relações produtivas particulares em todos os sistemas e áreas da vida social”(2)

Simple. Como explicar o “econômico” em uma sociedade como um ente isolado, em cuja órbita permanecem girando a educação, relações afetivas, cultura, arte etc, com maior ou menor grau de proximidade e embricamento.

Quando começamos estabelecendo uma relação estreita entre educação, ensino da história e neoliberalismo, referimo-nos ao caráter do capitalismo em seu mais alto grau de exclusão na História. Ou como analisa Luiz Gonzaga Belluzzo:

“ A tendência é de mercantilização de todas as esferas da vida. É preciso retomar o que muitos compreenderam – não falo de Marx, mas de Nietzsche ou talvez de Simmel – que é da natureza da sociedade mercantil-capitalista submeter à lógica sistêmica todas as esferas da vida. Só os beócios não entendem que o capitalismo, enquanto sistema de integração social através da apropriação da riqueza é totalitário. **Hoje em dia, aliás, é perigoso contestá-lo, sem ser imediatamente ridicularizado e desqualificado. Então, os negócios começam a invadir o ensino básico, universitário, a saúde, o esporte, o lazer e, numa escala industrial, a família ou o amor familiar. Ocorre aqui uma ruptura insuportável em relação à experiência imediata, mais afetiva e em escala humana**”(3)

Ponto. Parágrafo. Ensino. Cultura popular... está concluída a ponte entre o pouso da precarização e fragmentação atual do pensamento humano, da Educação, da História e de seu ensino.

Das salas de aula à perda da auto-estima de professores e alunos em vivências onde as referências estilçaram-se; deixando por todos os lados lascas cortantes, pontiagudas, em um quadro onde a fragmentação pós-moderna não é modelo, é referência de uma totalidade explicativa ocultada, varrida para recantos invisíveis, instrumentos eficazes de sua perpetuação.

## 2. Ensino e Ensino da História

2.1. Em períodos como o que ora vivemos, a História é abordada predominantemente pelos caminhos das biografias, da “História da Vida Privada”, prendendo-se a uma romantização de seus protagonistas, desvinculando o particular (e seu potencial elucidativo) das grandes encruzilhadas da humanidade, da totalidade, regredindo ao pensamento metafísico e abordagens históricas narrativas, “dissolvendo a História numa infinidade de histórias fragmentadas, seccionadas, sem articulação com a totalidade histórica **e, assim, sem capacidade de transformação da realidade**”(4)

A História iluminada com luzes intensas mas ofuscantes, ou com o “bate-estaca” dos DJ’s, sombreando rostos e bocas, acaba por descaracterizar a importância dos rodapés dos acontecimentos, da longa duração da sexualidade e das manifestações corporais, olvidando o

imaginário, poetas e contadores de esquinas, confinados em microporões intransitáveis, folclorizando processos sociais com este perfil, desacreditando-os, posto que circunscritos onde o inferno são os outros isolados em cubículos, anulando até mesmo, interpretações dos poetas e romancistas, apequenando de roldão todos os acontecimentos ao fragmento, labirinto de Creta de quem mesmo sabendo que o mundo é o resultado de ações humanas, na determinação dos períodos e circunstâncias de vida, da genial introdução “brumariana”, permanece estático diante de uma obra abstrata dita indecifrável. Totalidade?. O que é isto? É a História. Capitu ou Mona lisa.

## **2.2. Ensino, Estado ampliado e criatividade**

Deixando de lado o pensamento único do fragmento do pós-modernismo, utilizaremos dois autores que contribuíram decisivamente para a interpretação do Ensino, do sistema escolar. Gramsci e Paulo Freire, tendo como referência além das obras clássicas destes dois grandes bateleiros, o livro de Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos (5).

Em Gramsci, situamos o sistema escolar enquanto aparelho privado de hegemonia, seu conceito de Escola Unitária, pleno de possibilidades de ações contra-hegemônicas, de guerra de posição, enfim, na mão inversa da atual voga da História. Em Paulo Freire resgatamos sua Pedagogia Libertadora, buscando convergências entre os dois autores.

Para o italiano de Turim, a supremacia de um grupo social se manifesta de dois modos, como domínio e como direção intelectual e moral. Aqui aparece a Teoria ampliada do Estado nas sociedades de tipo ocidental em contraponto com as de tipo oriental, assim o Estado seria sociedade política + sociedade civil, sendo que nas sociedades de tipo ocidental, a política necessariamente mediada por um equilíbrio pendular consenso / coerção, mutável de acordo com correlação de forças de conjunturas diversas, e a guerra de posição assumindo papel cada vez mais relevante, na estratégia dos partidos de esquerda, frente à guerra de movimento.

Nas sociedades orientais, o aparelho de hegemonia localiza-se no governo propriamente dito, Forças Armadas, Polícia etc., enquanto nas formações ocidentais “o Estado era apenas uma trincheira avançada, por trás da qual estava uma robusta cadeia de fortalezas e casamatas...”(6)

O filósofo italiano considerava o sistema escolar, constitutivo da sociedade civil, como um dos principais aparelhos privados de hegemonia, campo aberto para ações contra-hegemônicas, para fermentar a guerra de posição. Descartando o direcionamento ultra profissionalizante da escola, defende para os filhos do proletariado o acesso a informações sobre todos os campos possíveis, uma educação de liberdade e necessariamente universalista. As questões educacionais e culturais são postulados fundamentais na teoria gramsciana.

Paulo Freire, na segunda fase de sua obra, afirmava ser a pedagogia libertadora, conquanto estimulasse o conhecimento como instrumento de transformação social, em sintonia com a cultura popular a qual creditava grande importância pedagógica, recomendando sempre que possível, a utilização de referenciais culturais integrantes da realidade do educando, como o vocabulário.

Julgamos que tanto a Pedagogia Libertadora quanto a Escola Unitária, merecem atenção especial nesta temática ora em debate.

### **2.3. Ensino da História e Cultura Popular**

É curioso como em nosso país, pilares do patrimônio cultural popular, da construção do imaginário da Nação, da preservação da auto-estima de toda uma população, têm sido secundarizados pelo ensino e pesquisa da História, apesar do crescimento de publicações e investigações dos últimos anos. Samba e futebol, por exemplo. Desconheço material didático que inclua estes dois pontos básicos do nacional-popular dentro de uma perspectiva orgânica na grade curricular adotada. E logo aqui, no Brasil, onde foi exatamente através da cultura popular ou capturado pelo popular (ex: o futebol) que a sociedade civil encontrou um de seus principais estuários organizativos.

E logo aqui, no Brasil, onde entender, conhecer história, passa pela dialética localismo-cosmopolitismo, visualizando a cultura popular, a MPB e o Futebol, na construção do real-imaginário da nação brasileira (Benedict Anderson: “Nação é uma comunidade política imaginada”).

Na verdade, no caso específico do futebol, este esporte ainda é visto pela academia e pelas elites brasileiras como tema menor, por vias de uma vinculação que transborda para as

páginas, eivada de preconceitos frente a uma atividade de trabalho manual. Assim é percebido o futebol, como atividade secundária, por laços equivocados de uma sociedade onde a longa duração da escravidão e da enxada ainda não alcançaram o bico de pena, quiçá as telas **pentium**.

Cultura popular, que em tempos de pensamento único, é desprezada como quase tudo que vindo das classes subalternas, é analisada e articulada à totalidade. Cultura popular que na acepção gramsciana, é um processo complexo e dinâmico, contraditório, com deslocamentos de idéias, crenças e valores não permitindo interpretações reducionistas como a que opõe a cultura popular à cultura dominante, esquecendo conceitos como o de bricolage. Cultura popular que só pode ser vista como energia em suas recepções, com circularidades historicamente determinadas, exatamente dentro da lógica dos conflitos de posição, acomodação e luta, conformismo e inconformismo.

Ensino da História, pensamento único neoliberal, desmonte do ensino público, esquecimento vertical e horizontal da inclusão da cultura popular em seu currículo, exatamente porque o prazer estético cultuado no pós-modernismo não é afeto à essas manifestações, e porque as classes hegemônicas desfiguram, caricaturando sua arte de modo geral, parindo algo anódino, asséptico, roupa de grife, diante de seu potencial contestatório.

Compreendo a História e seu ensino como instrumentos de transformação social e alegria, concluindo com uma citação do belo trabalho de Marcos A. da Silva:

“Quando se fala em história como distração, diversão, sedução e prazer, não se está, necessariamente, renunciando à sua carga crítica, à capacidade que possui de aprofundar a (auto) compreensão dos homens: diferentes artes também produzem aquelas experiências (pintura, poesia, cinema, teatro etc.) e, simultaneamente, participam, quando o querem, de radicais desmontagens de poderes – governos, valores, grupos.

Associar a história a diversas lutas e identidades sociais, por sua vez, não elimina doses de sensibilidade em relação ao mundo, inclusive no que diz respeito a torná-lo mais belo e produtor de felicidades.

Dois encontros possíveis entre aqueles focos são: 1) vivenciar as lutas beneficiadas pelo conhecimento histórico de forma desmilitarizada e como satisfação para aquelas pessoas que as

realizam; 2) redefinir o prazer desfrutado a partir dos saberes de natureza histórica como suficientemente bom para ser usufruído por todos”(7)

Associar a Primeira República à Pixinguinha, vitória do Brasil no sul-americano de futebol de 1919 frente ao Uruguai; a Revolta da Chibata ao “Mestre Sala dos Mares” de João Bosco e Aldir Blanc, aos primórdios da Escola Brasileira de Futebol... com músicas, charges, fotos, depoimentos e filmes. Apresentações ao vivo em sala de aula, “professorando pelo tempo, saboreando. Já pensaram...

Êpa. Sem perceber, escorreguei no mesmo “pedaço” de visão de mundo que ceifa tudo isso. Associar como? Associar o que é parte? Não pode, trata-se de resgatar a História crítica e seus desdobramentos.

Recorro mais uma vez a Marcos A. da Silva: “só uma relação de liberdade com a História, aberta a seus desafios, riscos e indeterminações, possibilita participar da festa pelo acesso de todos a seu prazer”.(8)

Isto, acrescentamos, não implica em não tomar posição, combater, ser combatido, ir para o “front” contra o patrulhamento anti-marxista. Afinal, “gato que nasce no forno é biscoito”, diz o sábio e antigo ditado gaúcho. Tomar posição sempre, mas tendo sempre a democracia como valor universal.

Como afirmou Lucien Febvre, a História é a forma pela qual o historiador atua no seu tempo e a escolha de seus objetos deve estar vinculada às prioridades políticas e sociais do mundo em que vive.

### **EPÍLOGO (O SAMBA É MEU DOM)**

Wilson das Neves é batera antigo, estrada longa na MPB. Toca vários gêneros. Craque no samba. Compositor de mão cheia fez muito samba bom, com parceiros como: Paulo César Pinheiro, Chico Buarque, Zé Trambique e outros, seguindo a linha de aprender sempre com seus professores e mestres.

Em “O Samba é Meu Dom”, parceria com Paulo César Pinheiro, fica patente, bola e pandeiro quicando nas quadras ou nos campos, mostrando como é rica a cultura brasileira nesta

parceria maior samba / futebol. O Samba é Meu Dom. Não um dom natural, mas batalhado e lapidado, coisa rara. De arrepiar. Vejam a letra:

### O SAMBA É MEU DOM

*Wilson das Neves / Paulo César Pinheiro*

O samba é meu dom	Donga, Ciro e João (Gilberto)
Aprendi bater samba	O samba é meu dom
Ao compasso do meu coração	Aprendi muito samba
De quadra, de enredo,	Com quem sempre fez samba bom
de roda na palma da mão	Silas, Zinco, Aniceto, Anescar,
De breque, de partido-alto	Cachiné, Jaguarão
O samba canção	Zé-com-fome, Herivelto,
O samba é meu dom	Marçal, Mirabeau, Henricão
Aprendi dançar samba	O samba é meu dom
vendo o samba de pé no chão	É no samba que eu vivo,
No Império Serrano,	Do samba é que eu ganho
a Escola da minha paixão	o meu pão
No terreiro, na rua, no bar,	E é num samba
gafieira e salão	que eu quero morrer
O samba é meu dom	de baquetas na mão
Aprendi cantar samba	Pois quem é de samba
com quem dele fez profissão	meu nome não esquece mais, não
Mário Reis, Vassourinha,	
Ataulfo, Ismael, Jamelão	
Com Roberto Silva, Sinhô,	

É só trocar Mário Reis, Ataulfo, Donga e todos os outros grandes sambistas da letra por Zizinho, Mané, Pelé, Gerson, da Guia (pai e filho), incluindo além do terreiro, da rua, do bar, gafieira e salão, campos e redondas. E outros. Dá samba e futebol na perspectiva da contra-alienação.

### CITAÇÕES DO TEXTO:

1. Marx apud E. P. Thompson. "As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos". São Paulo. Unicamp. 2001. p. 254.
2. E. P. Thompson. "As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos". São Paulo. Unicamp. 2001. p. 254.
3. Luiz Gonzaga Belluzzo. "Para entender o Brasil". São Paulo. Alegro. 2001. p. 219.
4. Emir Sader. "Século XX - o Século do Imperialismo". São Paulo. Fundação Perseu Abramo. 2000. p. 8.
5. Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. "Desigualdade Social & Dualidade Escolar". Petrópolis. Vozes. 2001.
6. Gramsci apud. Carlos Nelson Coutinho. "Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político". Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1999. p. 151.
7. Marcos A. da Silva. "História. O Prazer em Ensino e Pesquisa". São Paulo. Brasiliense. 1995. p. 12,13.
8. ID. Ibid. p. 84.